

ESCOLHA DA PROFISSÃO DURANTE A PANDEMIA: TRAJETÓRIAS DE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS

Luana Mundim de Lima¹; Anabela Almeida Costa e Santos Peretta¹; Carmen Lúcia Reis¹; Maria Paula Cunha Souza Carrijo Pereira¹; Yasmim Marques de Souza¹

RESUMO

Objetivamos compreender e discutir, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, aspectos envolvidos nas trajetórias de escolha de profissão de adolescentes de escolas públicas e privadas de Uberlândia - MG durante a pandemia de COVID-19. Entre 2020 e 2021, realizamos, virtualmente, uma pesquisa qualitativa, longitudinal, com nove estudantes do Ensino Médio, com quatro etapas: preenchimento de questionário via *Google Forms*; primeira entrevista semiestruturada; segunda entrevista semiestruturada e prática grupal. Utilizando núcleos de significação, analisamos as informações e construímos quatro eixos: Cursos pretendidos – entre os interesses e as informações concretas; A escola e a (des)preparação para o ingresso no Ensino Superior; A família – fonte de suporte e/ou de pressões, Planos futuros e a centralidade do ingresso no Ensino Superior. Assim, ressaltamos a insuficiência, principalmente, das escolas públicas de possibilitar um processo de escolha profissional consciente e o papel da instituição e de psicólogos escolares em proporcionar Orientação Profissional que auxilie nessa decisão.

Palavras-chave: estudantes de ensino médio; psicologia histórico-cultural; escolha profissional; orientação vocacional; psicologia escolar

Choice of profession during the pandemic: trajectories of adolescents in public and private schools

ABSTRACT

We aim to understand and discuss, based on Historical-Cultural Psychology, aspects involved in the trajectories of choosing a profession of adolescents from public and private schools in Uberlândia - MG during the COVID-19 pandemic. Between 2020 and 2021, we virtually carried out a qualitative, longitudinal survey with nine high school students, with four stages: filling out a questionnaire via *Google Forms*; first semi-structured interview; second semi-structured interview; and group practice. Using meaning cores, we analyzed the information and built four axes: Intended courses – between interests and concrete information; The school and the (un)preparation for entry into Higher Education; The family – source of support and/or pressure; Future plans and the centrality of admission to Higher Education. Thus, we emphasize: the insufficiency, mainly, of public schools to enable a process of conscious professional choice; and the role of the institution and school psychologists in providing Professional Guidance that helps in this decision.

Keywords: High school students; historic-cultural psychology; occupational choice; vocational guidance; school psychology

Escoja de la profesión durante a pandemia: trayectorias de adolescentes de escuelas públicas y privadas

RESUMEN

El objetivo es comprender y discutir, a partir de la Psicología Histórico-Cultural, aspectos involucrados en las trayectorias de escoja de profesión de adolescentes de escuelas públicas y privadas de Uberlândia - MG durante la pandemia de COVID-19. Entre 2020 y 2021, realizamos, virtualmente, una investigación cualitativa, longitudinal, con nueve estudiantes de la Enseñanza secundaria, con cuatro etapas: relleno de cuestionario vía *Google Forms*; primera entrevista semiestruturada; segunda entrevista semiestruturada; y práctica grupal. Utilizando núcleos de significación, analizamos las informaciones y construimos cuatro ejes: Cursos pretendidos – entre los intereses y las

¹ Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil; luana_mun_dim@hotmail.com; anabelaacs@gmail.com; reiscarmenpsi@gmail.com; mpaulacarrijo@gmail.com; yasmimstarques@gmail.com

informaciones concretas; La escuela y la (des)preparación para el ingreso en la Enseñanza Universitaria; La familia – fuente de soporte y/o de presiones; Planes futuros y la centralidad del ingreso en la Enseñanza Universitaria. Así, subrayamos: la insuficiencia, principalmente, de las escuelas públicas de posibilitar un proceso de escoja profesional consciente; y el papel de la institución y de psicólogos escolares en proporcionar Orientación Profesional que auxilie en esa decisión.

Palabras clave: estudiantes de enseñanza secundaria; psicología histórico-cultural; escogimiento profesional; orientación vocacional; psicología escolar

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 teve repercussões em todo o mundo, influenciando a vida das pessoas e as relações estabelecidas. As medidas adotadas para a prevenção e a contenção da doença impactaram a vida das pessoas e ainda deixam marcas. No Brasil, o campo educacional foi bastante afetado, principalmente, diante da imposição da modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE) em decorrência da suspensão das aulas presenciais durante longo período do ano de 2020 e metade de 2021. Tal cenário acentuou a fragilização da educação e a propagação de práticas pedagógicas descontextualizadas e sem sentido para os(as/es)¹ estudantes (Vital & Urt, 2021). Assim, nós pesquisadoras implicadas com ações e investigações na área da educação, apresentaremos o relato de parte da pesquisa² que realizamos guiadas pela pergunta: Quais os aspectos envolvidos nas trajetórias de escolha da profissão de adolescentes de escolas públicas e privadas de Uberlândia-MG durante a pandemia de COVID-19?

Adotamos como referencial teórico a Psicologia Histórico-Cultural (PHC) que, embasada no materialismo histórico-dialético de Karl Marx, entende que a constituição do ser humano ocorre por meio das relações de reciprocidade que este estabelece com os outros à sua volta e com o contexto cultural, econômico e social, ao passo que também constitui e transforma esse mundo. Nesse sentido, o desenvolvimento se caracteriza pelo processo contínuo de automovimento historicamente situado, no qual a diferenciação de um estágio dos anteriores se dá por meio da constante emersão de novos aspectos (Leontiev, 2004; Vigotski, 2006).

Desse modo, entendemos que a adolescência é um fenômeno estruturado histórica, cultural e socialmente e, portanto, vai além de um período da puberdade e

de uma faixa etária (de 12 a 18 anos). Assim, a fim de compreender a constituição do(a/e) adolescente nesse contexto atual, é importante apreender alguns aspectos. Primeiramente, os sistemas que constituem e organizam a sociedade capitalista, controversa, individualista, desigual e violenta, em especial, no Brasil. É necessário também voltar a atenção para os papéis e as significações atribuídas à adolescência, que, por vezes, refletem uma perspectiva pejorativa e estereotipada desse estágio e influem nas relações estabelecidas pelos(as/es) e com adolescentes (Leal & Facci, 2014; Leal, Facci, & Anjos, 2021; Souza, Puentes, & Silva, 2017).

Existem formas distintas, contextualizadas e singulares de experienciar a adolescência, que se diferenciam de acordo com o gênero, a etnia, a classe social e o ambiente (Souza et al., 2017). Para além de considerarmos as condições concretas envolvidas no adolecer, é importante nos atentarmos para os significados e sentidos atribuídos pelos indivíduos a um fenômeno. Como apresenta Leontiev (2021, p. 167):

Os significados levam uma vida dupla. Eles são produzidos pela sociedade e têm sua história no desenvolvimento da língua, das formas de consciência social.... Eles ainda têm outra vida, totalmente oculta, outro movimento: seu funcionamento nos processos de atividade e de consciência de indivíduos concretos, embora seja somente por meio desses processos que eles podem existir. Nessa segunda vida, os significados se individualizam e se “subjetivam”.

Dessa forma, os significados são construídos socialmente, contudo se individualizam, por meio da atividade e da consciência, tornando-se sentidos pessoais. Assim sendo, ainda que haja uma série de aspectos compartilhados de natureza sócio-histórica, os objetos ganham significações individuais, marcadas pelas condições concretas de vida do sujeito.

Além disso, Vigotski (2001) destaca a existência de uma relação dinâmica e dialética entre aprendizagem e desenvolvimento, na qual um possibilita condições para que o outro ocorra. Assim, destacamos que a escola, a educação e os processos de escolarização têm papel importante na viabilização da mediação de instrumentos e signos culturais, uma vez que, por meio da figura do mediador, que reconhece o que o(a/e) estudante consegue realizar sem ajuda (isto é, a Zona de Desen-

¹ No decorrer do texto, como um ato político e um modo de incluir um(e) dos(as/es) participantes que se identifica como uma pessoa não-binária (Sally), utilizaremos a linguagem neutra, apesar de ela não ser adotada nos trabalhos aqui citados. Para mais informações a respeito da linguagem neutra, sugerimos consultar: Cassiano, O. (2019). Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR). Medium. [https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b](https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b)

² A pesquisa qualitativa aqui relatada compõe o projeto “Impactos do Isolamento Social na maneira de ser e viver a adolescência”, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia (número CAAE: 34590820.7.0000.5152).

volvimento Real) e atua no que ele(a/u) não consegue fazer sem auxílio (ou seja, na Zona de Desenvolvimento Potencial), possibilitam o ensinamento e a apropriação de conhecimentos sistematizados e construídos social e historicamente. Desse modo, proporciona-se que os(as/es) adolescentes desenvolvam as Funções Psicológicas Superiores, as quais, por sua vez, oportunizam o aprendizado (Vigotski, 2001).

Ademais, no que tange ao processo de escolha da profissão, que é o foco deste trabalho, ressaltamos a relevância do desenvolvimento, especialmente, de duas funções superiores que se evidenciam na adolescência: 1) o pensamento por conceitos – isto é, uma forma complexa de pensamento que possibilita que o sujeito realize abstrações, internalize e estabeleça conexão entre as ideias, desenvolva a consciência de si e do mundo, superando as informações concretas; e 2) a imaginação criativa – a qual inclui a criação de novos elementos, propiciando que o sujeito projete seu futuro profissional e de vida, conduzindo a vida de maneira consciente (Leite & Della Fonte, 2021; Noguchi, Francisco, & Anjos, 2021; Oliveira, Manganaro, & Rodrigues, 2021; Vigotski, 2001, 2006).

Assim, conforme destacado por Noguchi et al. (2021), a partir da escolarização, da formação do pensamento por conceitos e da imaginação criativa torna-se possível o estabelecimento de uma conexão mais estreita entre trabalho, conhecimentos e interesses do sujeito. Tal articulação pode compor o processo de escolha da profissão do(a/e) estudante, uma vez que ele(a/u) pode começar a orientar suas ações a fim de apreender os saberes que serão essenciais para sua futura atuação profissional.

Ademais, definir-se por uma profissão é uma tarefa complexa, multideterminada e cada vez mais desafiadora. Os ideários liberais e as pressões sociais para que se faça a “escolha correta”, aumentam a insegurança, a indecisão e o medo do fracasso e de não alcançar o sucesso no âmbito profissional. Nesse sentido, entendemos que ao escolher uma profissão, o(a/e) adolescente não decide apenas o que fazer, mas, principalmente, quem ser e o seu modo de viver. A seriedade dessa decisão, a impermutabilidade e o caráter único do ofício escolhido foram aspectos destacados no estudo de Barros da Costa e Carneiro Zuin (2020) realizado com adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Para Bock (2018), a escolha profissional resulta de um processo sociocultural. No Brasil atual, para os(as/es) estudantes de escolas particulares, isso pode ocorrer ao final do Ensino Fundamental (EF) ou do Ensino Médio (EM), quando o(a/e) adolescente é considerado apto(a/e) para engajar-se no mundo do trabalho e/ou participar de processos seletivos para ingresso em cursos técnicos ou no Ensino Superior (ES).

Para os(as/es) adolescentes de escolas públicas, o momento já não é tão evidente, isto é, não existe um marco notório que aponte a hora de pensar sobre o

assunto de maneira concreta. E, por vezes, o processo de escolha desses(as/us) estudantes é permeado pelas sensações de desamparo e de ausência de cuidado por parte das instituições (Medeiros, Neto, Nascimento, & da Costa, 2020). A urgência da sobrevivência física se sobrepõe a qualquer reflexão, como aponta pesquisa realizada por Barros da Costa e Carneiro Zuin (2020), evidenciando a desigualdade social no cenário brasileiro.

Diante da complexidade e da singularidade das trajetórias de escolha da profissão que não se dão de forma apartada do contexto, destacamos o momento da pandemia que propiciou um cenário inédito de muitas mudanças. Até por ser um fenômeno recente, temos uma carência de publicações que discorram a respeito da perspectiva dos(as/es) estudantes do EM sobre a decisão profissional nesse período. Desse modo, o presente estudo objetivou compreender e discutir, a partir da PHC, quais os aspectos envolvidos nos processos de escolha de profissão de adolescentes de escolas públicas e privadas de Uberlândia-MG durante a pandemia de COVID-19.

PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa qualitativa contou com a participação de nove adolescentes entre 15 e 18 anos, que, no ano de 2020 cursavam o EM em escolas privadas e públicas de Uberlândia-MG. Na tabela 1, explicitamos a caracterização dos(as/es) participantes³:

Esta investigação, realizada de forma remota, se configura como longitudinal, pois foi dividida em quatro etapas realizadas de setembro de 2020 a setembro de 2021. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, divulgamos o estudo, por meio de mensagens de *WhatsApp*. Dessa forma, diante do interesse do(a/e)

³ Utilizamos nomes fictícios que foram escolhidos pelos(as/es) próprios(as/es) adolescentes, a fim de preservarmos o sigilo das informações. Além disso, no decorrer do texto, tomamos cuidado para não apresentarmos elementos que identificassem os(as/es) participantes.

Tabela 1 - Caracterização Dos(As/Es) Participantes No Ano De 2020.

| Nome | Idade (anos) | Ano do Ensino Médio | Tipo de escola |
|-----------|--------------|---------------------|----------------|
| Alice | 16 | 2º | Particular |
| Carlos | 16 | 1º | Pública |
| Francisco | 17 | 2º | Particular |
| José | 16 | 2º | Particular |
| Luiz | 17 | 3º | Particular |
| Mateus | 17 | 2º | Particular |
| Max | 17 | 3º | Pública |
| Sally | 16 | 1º | Pública |
| Violeta | 15 | 1º | Pública |

Fonte: Autoras da pesquisa.

estudante em participar, contatamos o(a) responsável para que juntos(as/es) pudessem conhecer mais sobre a pesquisa, ler e assinar, respectivamente, o Termo de Assentimento (TA) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Na primeira etapa da pesquisa, em setembro de 2020, pedimos que os(as/es) adolescentes respondessem a um questionário via *Google Forms* para obtermos informações sociodemográficas, familiares e escolares, a fim de planejarmos, de modo mais eficiente, a etapa subsequente. Após combinarmos a data, o horário e a plataforma de videoconferência com os(as/es) estudantes, realizamos em outubro de 2020 a segunda etapa, a primeira entrevista semiestruturada individual. As entrevistas, com duração média de 45 minutos, foram realizadas com os(as/es) nove adolescentes e orientadas por um roteiro com perguntas sobre seis eixos principais: pandemia de COVID-19; rotina; estudos e escola; relação com os(as/es) amigos(as/ues); convivência familiar e perspectivas futuras.

A terceira etapa, a segunda entrevista semiestruturada individual, realizada entre maio e junho de 2021, com seis adolescentes: Alice, Francisco, José, Luiz, Mateus e Sally, teve duração média de 58 minutos. Para a sua realização, alteramos o roteiro anterior e acrescentamos algumas perguntas, incluindo o eixo: relacionamento consigo mesmo(a/e) durante a pandemia.

Por fim, entre julho e setembro de 2021⁴, realizamos os encontros da prática grupal, a quarta etapa, dos quais participaram Francisco, José, Luiz, Mateus e Sally. Foram nove encontros semanais, com duração média de 1 hora e 42 minutos, abordando temáticas como: Adolescências, Adaptação à Tecnologia e Relacionamentos afetivos consigo e com os(as/es) outros(as/es) na pandemia; Narrativas sobre o ES – processos de escolha, ingresso e trajetórias; Perspectivas futuras – para além do ES. Os grupos eram conduzidos a partir de instrumentos dialógicos apresentados por nós pesquisadoras ou pelos(as/es) adolescentes. As práticas grupais são, ao mesmo tempo, intervenções, processos de cuidado e fortalecimento da vida e espaços de potência, de transformação e de diálogo que podem, a partir da mediação dos(as/es) outros(as/es), propiciar bons encontros, a expansão de perspectivas e o desenvolvimento de indivíduos

⁴ Ressaltamos que a implementação do ERE foi efetivada de maneiras distintas entre as redes de ensino (privada e pública), evidenciando as desigualdades presentes. Em Uberlândia-MG, no início do ano letivo de 2021, ocorreu a tentativa de retorno das aulas presenciais, de forma híbrida, por parte das instituições de ensino particulares, o que não durou muito tempo, em decorrência do aumento de casos de COVID-19 confirmados. Em meados de 2021, após o aumento das taxas de vacinação na cidade supracitada, se intensificaram as pressões para as aulas presenciais retornarem, principalmente, por parte das escolas particulares. Apenas a etapa nomeada como prática grupal foi realizada no segundo semestre de 2021 e, em parte dos encontros, os(es) estudantes que estavam participando das aulas presenciais (José e Mateus) estavam de férias.

reflexivos, livres, vivos, criadores de si e capazes de, coletivamente, mudar a realidade (Pereira & Sawaia, 2020).

As entrevistas e a prática grupal foram gravadas em áudio. Depois, efetuamos a transcrição das gravações das entrevistas. Assim, por meio do trabalho artesanal feito a partir de interações reflexivas e criativas estabelecidas entre nós e os(as/es) participantes, nas quais lemos, analisamos e fizemos alterações nas transcrições, transformamos a vivência (entrevistas/grupos) em texto. Salientamos que a análise das informações da prática grupal foi realizada com base nas anotações contidas nos diários de campo das pesquisadoras e na transcrição de alguns trechos dos encontros.

Analisamos os registros construídos buscando os núcleos de significação (Aguiar & Ozella, 2006). Assim, significamos e refletimos, de maneira ativa, buscando entender a subjetividade, os sentidos, os valores, os princípios, as intenções e as convicções por trás das narrativas dos(as/es) participantes, problematizando palavras utilizadas, contradições, entonações e temáticas abordadas (Aguiar & Ozella, 2006). Ademais, no presente texto, abordaremos sobretudo as informações relativas ao processo de escolha da profissão. A partir disso, chegamos a quatro eixos temáticos, os quais serão discutidos a seguir.

CURSOS PRETENDIDOS – ENTRE OS INTERESSES E AS INFORMAÇÕES CONCRETAS

O processo de escolha profissional é uma das principais preocupações dos(as/es) adolescentes, tanto que, dos(as/es) nove, oito falaram sobre os cursos pretendidos e, em alguns casos, sobre mais de uma possibilidade. Dentre as áreas citadas, estavam: Agronomia, Arquitetura, Biologia, Ciências Políticas, Ciências Sociais, Direito, Engenharias Aeronáutica e Química, Física e Psicologia. Os(as/es) participantes expressaram que a articulação entre os dois pilares centrais fundamentava as escolhas: os seus interesses e as informações concretas sobre os cursos e as possíveis áreas de atuação no mercado de trabalho. Sobre isso, José disse: “A gente tem que **balancear essas duas coisas**. Pensar tanto na parte **financeira**, quanto na parte do **‘o que eu gosto de verdade’**.” (grifo nosso).

O primeiro alicerce é compreendido como algo essencial por todos(as/es) os(as/es) participantes, uma vez que eles(as/us) buscavam ingressar em cursos com os quais se identificassem. Fundamentados em vivências da infância e/ou da própria adolescência, de modo geral, os interesses pareceram advir tanto de experiências positivas com disciplinas escolares e seus conteúdos, corroborando com o trazido por Oliveira, Lima e Peretta (2020), quanto de outras atividades prazerosas realizadas pelos(as/es) adolescentes. Aqui, é importante salientarmos que esses desejos foram construídos ao longo da vida dos(as/es) estudantes, a partir de influências sociais, escolares e familiares. Aprofundaremos a discussão

sobre essas duas últimas fontes de interferências nos próximos eixos de análise.

Outro aspecto relevante que apareceu, de maneira explícita ou implícita, nas narrativas dos(as/es) participantes foi o quanto o período pandêmico possibilitou momentos de autoconhecimento e de ressignificação de seus interesses. Circunstâncias que unidas à ausência de troca com seus pares e professores de referência, intensificaram as indecisões e as dúvidas presentes nas escolhas profissionais. A respeito disso, Francisco disse:

Antes da quarentena, eu queria fazer [o curso de] Direito, mas eu mudei completamente de pensamento. Acho que **isso é normal na minha idade e saudável.** Agora, estou com vontade de fazer Ciências Sociais. Não pensei nisso da noite para o dia, pois, antes, eu já pensava em fazer **Ciências Sociais** depois de formar em Direito, mas **agora se tornou meu foco principal.** (grifo nosso).

Já no que se refere às informações concretas sobre os cursos e suas possíveis áreas de atuação no mercado de trabalho, notamos que os(as/es) adolescentes adquiriram esses conhecimentos seguindo da maneira mais utilizada para a menos, por meio de: 1) pesquisas generalistas realizadas na *internet* e em livros sobre a graduação pretendida; 2) observações e/ou conversas com pessoas da área (como: familiares, professores/as/ies e conhecidos/as/es) sobre a formação e as possibilidades de atuação na profissão; 3) pesquisas aprofundadas nas grades horárias dos cursos; e 4) ações de suporte à escolha profissional ofertada pela própria escola. Sobre isso, Mateus comentou: “[**O coordenador da escola**] dá um **auxílio muito bom em relação a escolher o curso** e a olhar [e montar] o plano de estudos [para prestar vestibular e/ou Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)]”. (grifo nosso)

Assim, na maioria dos casos, os(as/es) participantes expressaram que, inicialmente, conseguiram informações a partir de pesquisas autônomas baseadas nos seus interesses, algo que acabava não ofertando uma compreensão crítica dos cursos e de possibilidades de atuação. Ao contrário, acabava alimentando fantasias e ilusões acerca da graduação e do mercado de trabalho. Conversas com profissionais das áreas pretendidas, por sua vez, contribuíram de maneira importante para que tivessem uma noção mais aprofundada da realidade profissional.

A respeito disso, notamos ainda que a participação da escola no processo de informar e orientar quanto às profissões possíveis foi expressa por apenas um participante. Nesse sentido, enfatizamos o papel da instituição de ensino em possibilitar esses saberes e a sua reflexão crítica, propiciando condições para que a imaginação criativa dos(as/es) adolescentes se desenvolva e contribua para o planejamento de suas trajetórias de vida (Oliveira et al., 2021).

Ademais, compreendemos que a prática grupal, apesar de não ter tido como pretensão ofertar Orientação Profissional (OP), oportunizou, para os(as/es) participantes, autoconhecimento e informações concretas sobre as graduações e as realidades profissionais, de maneira contextualizada e reflexiva. Assim, atuamos de forma coerente com o que Oliveira et al. (2021) propuseram como um processo de OP.

Além disso, salientamos, conforme destacaram Cartaxo, Silva, Queiroz e da Costa (2022), a importância de que, especialmente em tempos de pandemia, o processo de escolha profissional seja vivenciado pelos(as/es) adolescentes de maneira coletiva, com pares e com o suporte da equipe escolar (incluindo, um/a/e profissional da Psicologia). A respeito da contribuição da prática grupal para compreender a realidade do ES, Sally refletiu: “Saber [a partir das discussões feitas no grupo hoje] que, às vezes, a gente vai **chegar lá [na graduação] com medo e que está tudo bem, pois tem outras pessoas assim, ajuda um pouco**” (grifo nosso).

A ESCOLA E A (DES)PREPARAÇÃO PARA O INGRESSO NO ES

Todos(as/es) os(as/es) participantes compreendiam a escola como um espaço relevante de transmissão de conhecimentos, de aprendizados, de preparação para a vida e de construção de “um futuro melhor” (Carlos), ainda que isso tenha sido prejudicado durante a vigência da modalidade de ERE. Entretanto, notamos que nas falas de estudantes de instituições de ensino particulares, foi evidenciada a função da escola na qualificação para os processos seletivos para ingressarem no ES, conforme expressou Luiz: “Acho que o papel principal da escola é o de nos **preparar para o ENEM e para os vestibulares.**” (grifo nosso). Apesar da efetivação desse papel, por vezes, ter suas limitações, como salientou José:

A minha rotina de estudos é baseada bastante nos livros da escola. Mas eu **não me atenho somente às demandas da escola**, porque eu sei que **muitos conteúdos [das provas] da UFU [Universidade Federal de Uberlândia] ou das universidades paulistas vão um pouco além.** Então, eu **sempre estudo mais.** (grifo nosso).

Assumindo, muitas vezes, uma perspectiva mercadológica e neoliberal, as escolas particulares valorizam o ingresso no ES, apresentando-o como o único caminho para os(as/es) adolescentes e, por vezes, coagindo-os(as/es) a segui-lo por meio da oferta de aulas, plantões e planos de estudos, o que pesa nas decisões desses(as/us) participantes. Essa pressão advém de diversos lados, como: da escola, de seus(as/ues) pares e de professores(as/ies). Sobre isso, Francisco, ao fazer uma crítica ao modelo de organização do EM, disse:

por ser ano de prestar o vestibular, todo conhecimento gira em torno disso e fica chato [...]

Quando queremos perguntar, eles [professores] já cortam falando que não é importante, porque não vai cair [no vestibular, no ENEM]. [...] então, eu sinto que estou sendo excretado pelo sistema da escola [...] que estamos sendo empurrados para aquele lugar [o vestibular e o ES]. (grifo nosso).

Assim, as instituições de ensino privadas são apresentadas pelos(as/es) adolescentes como locais que não dão espaço para dúvidas quanto à entrada no ES ou quanto às decisões profissionais. Entretanto, consideramos que essas indagações puderam ser expressas pelos(as/es) participantes durante as entrevistas e a prática grupal. Um exemplo disso, é o questionamento de Mateus sobre a escola propiciar informações suficientes para que se escolha a profissão:

A função da escola é, o que me foi falado: **Ela te mostra o caminho, e você tem que trilhar, né?** Assim, ela vai te passando as matérias, tudo, e aí você vai estudando e depois você vê o que gosta. Às vezes, eu penso um pouco assim **“Como isso acontece?”**. Porque eu fui vendo várias coisas ao longo dos anos e **ainda não tenho certeza de que curso escolher.** (grifo nosso).

Já os(as/es) estudantes de escolas públicas, pareceram não ser tão afetados por influências e/ou pressões da escola, de colegas e/ou de funcionários(as/es) da instituição para que ingressem no ES. Ao contrário, o que ocorreu, principalmente durante a pandemia, de acordo com os(as/es) próprios(as/es) participantes, foi uma precarização do ensino e uma ausência ou insuficiência de preparação para a escolha do curso e a realização das provas (vestibulares e ENEM):

A desigualdade no acesso ao estudo é muito grande. Eu estou em uma posição melhor do que uma pessoa que não tem nenhuma condição, como acesso à internet. Mas, eu tenho uma condição muito inferior à de uma pessoa de escola particular que tem aula direitinho todo dia da semana. [...] **O ENEM é para o Brasil inteiro e, com essa desigualdade, muita gente não vai ter a oportunidade de passar na faculdade, pois vai concorrer com pessoas que tiveram acesso a milhares de oportunidades durante a pandemia.** (Violeta, grifo nosso).

Falas similares à de Violeta foram encontradas em estudos como o de Medeiros et al. (2020), antes da deflagração da pandemia de COVID-19. Assim, observamos que, ainda que as funções da escola de preparação para a escolha profissional e para o ingresso no ES sejam reconhecidas como importantes pela maioria dos(as/es) participantes, a última é a que predomina nas falas dos(as/es) adolescentes. Esse papel foi manifesto como algo efetivado, mesmo que com suas limitações, nas narrativas de estudantes de escolas privadas, e como

algo que não ocorreu ou aconteceu de modo insuficiente nos discursos de adolescentes da rede de ensino pública. Isso evidencia as desigualdades no cenário educacional, estruturadas socialmente (Barros da Costa & Carneiro Zuin, 2020; Medeiros et al., 2020), e que se intensificaram na pandemia.

Ademais, quase todos(as/es) participantes disseram que devido à ausência de contato presencial na escola, sentiram-se prejudicados(as/es) quanto à socialização, essencial no estabelecimento da maturidade social e de comunicações interpessoais interessantes nas instituições de ES. Preocupação expressa por José: “Às vezes, eu penso: ‘Será que, por causa desse isolamento, vou chegar lá e vou me **comportar muito diferente dos outros, de maneira mais infantil?**’” (grifo nosso). Assim, percebemos que ao não viverem a escola como espaço social, os(as/es) adolescentes sentiram-se privados(as/es) de possibilidades importantes de desenvolvimento.

Ao abordarem, direta ou indiretamente, o papel da escola, de seus ensinamentos e de seus(uas/ues) funcionários(as/ies) na trajetória de escolha da profissão e de ingresso no ES, figuraram nas falas de muitos(as/es) adolescentes sensações e sentimentos ambivalentes, oscilando entre despreparo, insegurança, tensão, desestabilização, indignação e tranquilidade, sentir-se apoiado(a/e) e confiante.

Ademais, a despeito das diferenças encontradas nas falas de estudantes de escolas particulares e públicas, de modo geral, o EM apareceu como uma espécie de trampolim para o ES; algo que corrobora a literatura (Krawczyk, 2011; Melo & Leonardo, 2019; Oliveira et al., 2020). A partir das narrativas dos(as/es) participantes, compreendemos que, durante a pandemia, as instituições de ensino não ofereceram ou forneceram de modo insuficiente informações e condições necessárias para fundamentar escolhas profissionais feitas de forma consciente e reflexiva, limitando as possibilidades de que os(as/es) adolescentes conhecessem seus interesses e as realidades concretas dos cursos e do mercado de trabalho e que desenvolvessem a imaginação criativa.

A FAMÍLIA – FONTE DE SUPORTE E/OU DE PRESSÕES

Do total de participantes, seis apresentaram nas suas narrativas, direta ou indiretamente, o papel importante das expectativas e dos desejos de familiares no processo de escolha profissional. Nas falas de alguns(mas/mes) adolescentes, a família apareceu como fonte de pressões e cobranças que, a princípio, eram encaradas como algo ruim e, depois, foram resignificadas como preocupações e demonstrações de afeto, conforme podemos observar no trecho a seguir:

Meu **pai** tem o costume de ficar **me cobrando em relação ao estudo e para passar no vestibular.** [...] **E antes, eu ficava incomodado,** mas, agora eu não sinto mais isso. **Agora, eu acho até legal, porque**

vejo que ele tem preocupação com meu futuro, e aprendi a gostar e a conviver com essa cobrança dele. E eu apoio muitas coisas que ele me fala, de pesquisar as coisas. (Mateus, grifo nosso).

Essas cobranças e pressões familiares, que são construídas em dado contexto histórico, cultural e social, muitas vezes, são internalizadas pelos(as/es) adolescentes e tomadas como suas, gerando um sentimento de medo de não cumprir as expectativas da família, conforme salientaram Cartaxo et al. (2022). Sobre isso, José expressou:

Principalmente eu, que tenho dois pais da área da educação, **sempre fui preparado. E fui criando essa expectativa [...] de ingressar na universidade, né? [...] Então, é uma pressão [para o ingresso no ES] que vem dos dois [da escola e da família].** Mas que também é **uma pressão interna.** É uma pressão [que vem] de mim mesmo, pensando no meu futuro. Então, é algo também meu. **Mas, que não vem naturalmente, é um processo formado.** [...] eu sempre tive a expectativa desde pequeno de participar da universidade, de ter um currículo acadêmico e tudo mais, então é algo interno também. (grifo nosso).

Nem sempre as pressões apareceram de modo explícito nas falas dos(as/es) participantes, sendo retratadas como dívidas simbólicas, isto é, retribuições dos(as/es) adolescentes aos anos de suporte (financeiro e afetivo) ofertados pela família.

Além disso, ainda que houvesse a imposição de ingressar no ES, alguns(mas/mes) participantes contaram que a família apoiou a decisão deles(as/us) quanto ao curso escolhido, gerando sensação de bem-estar e confiança. Sobre isso, Luiz afirmou: “Eu tive sorte. **Meus pais nunca opinaram e me ofereceram apoio.**” (grifo nosso). Em outras narrativas, os(as/es) familiares apareceram como fontes de identificação e de inspiração para a escolha da profissão, conforme contou Alice: “Desde **quando eu era pequena, eu via minha tia arquiteta trabalhar e achava maravilhoso.** Eu tinha uns 7 anos, mas, acho que, de certa forma, **já sabia que era aquilo que eu queria fazer.**” (grifo nosso).

Os(as/es) participantes também falaram sobre as influências, diretas ou indiretas, da família no planejamento da trajetória profissional. Em alguns discursos, isso apareceu por meio de desejos e expectativas verbalizados pelos(as/es) familiares acerca da área de atuação, dos empregos e das posturas assumidos pelos(as/es) participantes que seriam melhores para um futuro de sucesso. Sobre isso, Francisco exemplificou:

Ela [minha avó] **não concorda de eu estudar Ciências Sociais** [...] ela é respeitosa [com as minhas escolhas], mas **não aceita direito.** Ela **quer que eu seja bem-sucedido.** Ela não me falou isso, mas acho que é basicamente isso. Porque

ela sempre conviveu com gente importante, no sentido financeiro. [...] ela **quer que eu seja alguém importante,** mas não sei se vou conseguir ser no âmbito que ela deseja. (grifo nosso).

Já em outras narrativas, essa influência da família na trajetória profissional apareceu de modo mais indireto, por meio da preocupação dos(as/es) participantes com deixar os(as/es) familiares e suas casas. Sobre isso, Sally expressou: “quando penso em sair de casa [quando entrar no ES], [acho] tão cedo. E **deixar minha mãe aqui também [seria difícil]**” (grifo nosso).

Ademais, nas falas de muitos(as/es) dos(as/es) participantes, a família apareceu como tendo também um papel incentivador, propiciando suporte (financeiro e emocional) e/ou de inspiração e identificação. Algo que corrobora com as compreensões de Cartaxo et al. (2022) e Oliveira et al. (2020), que afirmam que a família e suas aceções influem, significativamente, nas decisões acerca da profissão e da carreira e nos planejamentos futuros dos(as/es) adolescentes. Evidenciando assim, a relevância de que o ambiente familiar seja considerado e problematizado durante a realização de orientações profissionais (Cartaxo et al., 2022).

PLANOS FUTUROS E A CENTRALIDADE DO INGRESSO NO ES

Muitos(as/es) participantes, ao serem questionados (as/es) sobre o futuro, a princípio, falaram sobre um não saber e/ou não pensar muito a respeito. Foram estratégias utilizadas para lidar com o período pandêmico de incertezas, conforme expressou Carlos: “**Eu nem pensei no futuro, porque realmente, estou focando mais no agora.** O futuro, quando vier, eu penso. Porque para mim, **o futuro depende do agora. Então, eu faço minhas coisas no agora.**” (grifo nosso).

Entretanto, a partir dos questionamentos e das reflexões suscitados durante as entrevistas e os grupos, alguns(mas/mes) adolescentes foram contando de seus sonhos, ainda que, majoritariamente, sem trajetórias muito definidas, como: conseguir a carteira de habilitação, morar sozinho(a/e), ter uma casa ou um apartamento, viajar, casar, constituir família, ter filhos, estar feliz, tranquilo(a/e) e perto das pessoas que ama. Além disso, muitos(as/es) estudantes falaram sobre um desejo de que a pandemia acabasse e que todo mundo ficasse bem.

Apesar desses outros planejamentos mais amplos, o ingresso no ES, a conclusão da formação e a entrada no mercado de trabalho figuraram como centrais nas narrativas de oito participantes. Sobre isso, José disse: “**O futuro, pra mim, como estudante de EM, é o vestibular, né? É o que eu tenho me preparado.** Futuro, para mim, agora, é conseguir estudar, passar numa boa universidade e começar minha vida.” (grifo nosso). Assim, a entrada na graduação é, equivocadamente, entendida como o princípio da vida, a oportunidade de

a pessoa ter vivências marcantes e se sentir completa, realizada e feliz (Oliveira et al., 2020), especialmente, em meio à pandemia.

Alguns(mas/es)adolescentes, ainda que desejosos(as/es) pelo ingresso no ES, demonstraram preocupação com a possibilidade de realizarem a graduação de maneira remota e acabarem se decepcionando, devido à modalidade de ensino, conforme relatou Alice: “Acho que a **minha frustração seria: Acabar não gostando do curso se continuar online**. Justamente, porque já estou cansada desse modelo” (grifo nosso). Assim, os(as/es) participantes expressaram sentimentos ambivalentes sobre o futuro, para além da expectativa positiva em relação ao ingresso, manifestaram medo de se frustrar e se decepcionar com o curso, insegurança, angústia e ansiedade, algo que é similar ao demonstrado pelos(as/es) estudantes que participaram do estudo de Cartoxa et al. (2022); e despreocupação, confiança e esperança.

Ademais, concluímos que a perspectiva de futuros possíveis, ou a falta dela, influem, de modo importante, no processo de escolha profissional, assim como compreendemos que ao propiciarmos, principalmente durante os encontros da prática grupal, espaços para que os(as/es) participantes pudessem pensar nesses planos de maneira coletiva, contribuímos para o auto-conhecimento e para o desenvolvimento da imaginação, possibilitando que traçassem projetos de vida, ainda que de forma muito inicial, e refletissem sobre, por exemplo, as possibilidades de não gostar do curso escolhido ou de parte de seus conteúdos e/ou trocar de formação, mantendo-se, como disse José, de “mente aberta”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou compreender e discutir, a partir da PHC, quais os aspectos envolvidos nas trajetórias de escolha de profissão de adolescentes de escolas públicas e privadas de Uberlândia-MG durante a pandemia de COVID-19. Ressaltaram-se as desigualdades presentes nas vivências de estudantes de escolas particulares e de públicas. Enquanto os primeiros se queixavam do direcionamento e das pressões da instituição para o ingresso no ES. Os segundos sofriram com a precarização do ensino e, por vezes, com a ausência de discussões sobre essa decisão na escola. Todavia, foi comum a todos os discursos o quanto a escola foi insuficiente, principalmente na pandemia, em possibilitar o desenvolvimento de funções psicológicas superiores importantes no processo de escolha profissional, como: a imaginação criativa e o pensamento por conceitos, assim como não tem ofertado espaços nos quais essas decisões possam ser tomadas de forma crítica e consciente.

Diante disso, ressaltamos a importância da presença de profissionais da Psicologia Escolar que possuam um embasamento crítico na realização de OP na escola, para que possam auxiliar no processo de escolha da profissão, principalmente, em tempos pandêmicos e pós pandêmicos e trabalhem numa perspectiva coletiva, com

todos(as/es) os(as/es) envolvidos(as/es) nesse processo: adolescentes, familiares, professores(as/ies) e demais membros da comunidade escolar.

Compreendemos que esse trabalho teve limitações, como: não abranger de maneira mais aprofundada a perspectiva de estudantes de escolas públicas e não incluir os sujeitos que não tinham acesso a aparelhos tecnológicos e à *internet*. Diante disso, sugerimos que mais estudos sobre o tema sejam empreendidos de modo a superar os limites da nossa pesquisa. Contudo, essa investigação reforça a relevância de espaços de discussão reflexivos nos quais seja possível que as pessoas, de modo coletivo, consciente e crítico, pensem sobre as trajetórias de escolha da profissão.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>
- Barros da Costa, C., & Carneiro Zuin, D. (2020). Desigualdade e mercado de trabalho: um estudo com adolescentes e sua escolha profissional. *Revista De Ciências Humanas*, 2(20). <https://beta.periodicos.ufv.br/RCH/article/view/11379>
- Bock, S. D. (2018). *Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica*. Cortez.
- Cartaxo, P. F. J., Silva, A. M. S., Queiroz, A. H. A. B., & da Costa, A. T. (2022). Influências identificadas na escolha profissional de adolescentes e a pandemia da covid-19. *Revista Inclusiones*, 9(1), 393-409. <http://revistainclusiones.com/carga/wp-content/uploads/2021/12/21-Alexandra-et-al-VOL-9-NUM-1-ENEMAR2022INCL.pdf>
- Krawczyk, N. (2011). Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. *Cadernos de pesquisa*, 41(144), 752-769. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000300006>
- Leal, Z. F. R. G., & Facci, M. G. D. (2014). Adolescência: superando uma visão biologizante a partir da psicologia histórico-cultural. In Z. F. R. G. Leal, M. G. D. Facci, & M. P. R. Souza (Eds.), *Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação* (pp. 15-44). EDUEM.
- Leal, Z. F. R. G., Facci, M. G. D., & Anjos, R. E. (Orgs.). (2021). Apresentação. In *O desenvolvimento psicológico do adolescente na perspectiva da psicologia histórico-cultural: temas atuais* (pp. 09-13). Editora CRV.
- Leite, P. S. C., & Della Fonte, S. S. (2021). Formação humana e adolescência: contribuições de Vigotski e Marx. In Z. F. R. G. Leal, M. G. D. Facci, & R. E. Anjos (Eds.), *O desenvolvimento psicológico do adolescente*

- na perspectiva da psicologia histórico-cultural: temas atuais* (pp. 17-31). Editora CRV.
- Leontiev, A. N. (2004). *O desenvolvimento do psiquismo*. Centauro.
- Leontiev, A. N. (2021). *Atividade. Consciência. Personalidade*. Mireveja.
- Medeiros, V. S., Neto, M. P., Nascimento, C. C., & da Costa, S. D. R. M. (2020). As dificuldades impostas no processo de escolha profissional de jovens da escola pública: tecendo retalhos sobre desigualdades, novas possibilidades e sonhos. *Revista Eletrônica da Estácio Recife*, 6(3). <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/514/220>
- Melo, L. C. B. D., & Leonardo, N. S. T. (2019). Sentido do ensino médio para estudantes de escolas públicas estaduais. *Psicologia Escolar e Educacional*, 23, 1-9. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019017542>
- Noguchi, C. S., Francisco, M. V., & Anjos, R. E. (2021). A adolescência e o desenvolvimento da personalidade: o papel dos componentes curriculares de filosofia e sociologia e a compreensão sintética da desigualdade social e da violência na escola. In Z. F. R. G. Leal, M. G. D. Facci, & R. E. Anjos (Eds.), *O desenvolvimento psicológico do adolescente na perspectiva da psicologia histórico-cultural: temas atuais* (pp. 71-91). Editora CRV.
- Oliveira, Í. W. M. D., Lima, L. M., & Peretta, A. A. C. S. (2020). Permanecer ou evadir: conhecendo o processo vivenciado por estudantes do ensino superior. In S. M. C. Silva, Z. F. R. G. Leal, & M. G. D. Facci (Eds.), *A Psicologia Escolar e o Ensino Superior – Debates contemporâneos* (pp. 95-116). Editora CRV.
- Oliveira, V. S., Manganaro, A. B., & Rodrigues, J. S. (2021). O papel da imaginação no processo de escolha profissional. In Z. F. R. G. Leal, M. G. D. Facci, & R. E. Anjos (Eds.), *O desenvolvimento psicológico do adolescente na perspectiva da psicologia histórico-cultural: temas atuais* (pp. 53-69). Editora CRV.
- Pereira, E. R., & Sawaia, B. B. (2020). *Práticas grupais: espaço de diálogo e potência*. Pedro & João.
- Souza, C. S., Puentes, R. V., & Silva, S. M. C. (2017). A docência com adolescentes sob o olhar do professor: enfoque histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 22(4), 529-537. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i4.38995>
- Vigotski, L. S. (2001). Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar. In L. S. Vigotski, A. R. Luria, & A. N. Leontiev, *Linguagem, desenvolvimento e Aprendizagem* (pp. 103-118). Ícone.
- Vigotski, L. S. (2006). *Obras escogidas IV: Psicología Infantil* (L. Kuper, Trad., 2ª ed.). A. Machado Libros. (Trabalho original publicado em 1984).
- Vital, S. C. C., & Urt, S. C. (2021). Do imprevisível pandêmico ao intencional formativo: uma psicologia educacional/escolar para pensar o enfrentamento ao adoecimento docente. In F. Negreiros, & B. O. Ferreira (Eds.), *Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?* (pp. 118-146). Pimenta Cultural.

Recebido em: 28 de julho de 2022

Aprovado em: 31 de janeiro de 2025

O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Disponibilidade de dados

O conjunto de dados do estudo não está disponível publicamente, pois contém informações pessoais dos entrevistados.

Editora de Seção

Maria Júlia Lemes